

# Os artigos do intelectual Anísio Teixeira no jornal Folha de S. Paulo em 1968

Fernando César Ferreira Gouvêa 

Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

## Resumo

O artigo tem como objeto de estudo o pensamento do intelectual Anísio Teixeira no ano de 1968 face ao recrudescimento do governo de arbítrio instalado no Brasil em 1964. Para a consecução desta empreitada as fontes utilizadas serão os artigos da autoria do referido intelectual que foram publicados pelo jornal Folha de S. Paulo entre junho e dezembro de 1968. O trabalho está filiado aos estudos sobre política educacional e trajetórias de intelectuais e – passados 50 anos de sua publicação – busca capturar a contribuição deste conjunto de artigos para a historiografia da educação brasileira e quais pontos ainda permanecem candentes para a sociedade brasileira no tempo presente.

**Palavras-chave:** Anísio Teixeira; Jornal Folha de S. Paulo; Ditadura Militar, Brasil, 1968.

## Abstract

*The articles by the intellectual Anísio Teixeira in Folha de S. Paulo newspaper in 1968*

The research object in this article is the intellectual thought of Anísio Teixeira in 1968, opposing the recrudescency of the arbitration government installed in Brazil in 1964. In order to accomplish the research, the sources used were articles written by the intellectual and published by the newspaper Folha de S. Paulo by June and December 1968. The work is affiliated to the studies on educational policy and trajectories of intellectuals and - after 50 years of its publication- it seeks to capture the contribution of this set of articles for the historiography of Brazilian education and which points are still burning for Brazilian society at present times.

**Keywords:** Anísio Teixeira; Newspaper Folha de S. Paulo; Military dictatorship, Brazil, 1968.

## Resumen

*Los artículos del intelectual Anísio Teixeira en el periódico Folha de S. Paulo en 1968*

El presente artículo tiene por objeto de estudio el pensamiento del intelectual Anísio Teixeira durante el año de 1968 frente al recrudescimiento del gobierno de facto instalado en Brasil en 1964. Las fuentes utilizadas para la consecución de este propósito serán los artículos de autoría del citado intelectual, publicados por el periódico Folha de S. Paulo, entre junio y diciembre de 1968. Este trabajo está inscrito en los estudios sobre política educativa y trayectorias de intelectuales y – pasados 50 años de sus publicaciones – busca capturar la contribución de ese conjunto de artículos para la historiografía de la educación brasileña y los aspectos que todavía permanecen candentes para la sociedad brasileña en el presente.

**Palabras clave:** Anísio Teixeira; Periódico Folha de S. Paulo; Dictadura Militar, Brasil, 1968.

## Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo o pensamento do intelectual Anísio Teixeira<sup>1</sup> no ano de 1968 face ao recrudescimento do governo de arbítrio instalado no Brasil em 1964. Para a consecução desta empreitada as fontes utilizadas serão os artigos da autoria do referido intelectual que foram publicados pelo jornal Folha de S. Paulo<sup>2</sup> entre junho e dezembro de 1968, tendo como esteio metodológico a História Cultural e a História Política. Trata-se de um objeto ainda não aprofundado pela historiografia da Educação no Brasil (TEIXEIRA, 1999). Desta forma, o trabalho de pesquisa está filiado aos estudos sobre trajetórias de intelectuais.

A metodologia utilizada repousa na pesquisa de caráter documental e histórico, especialmente no que concerne à História Cultural que valoriza fontes variadas como os impressos (periódicos, boletins, revistas) e à História Política que entende o intelectual como um “ator do político”, do ator que apresenta “um engajamento na vida da cidade” e dos seus projetos e que também pode ser a testemunha ou a consciência destes movimentos no que refere à assinatura de manifestos e abaixo-assinados, criação de revistas e demais ações que se estendam a outros campos sociais (Sirinelli, 2003, p. 231).

Não escapa aos olhos que parte destes artigos reapareceram como integrantes da primeira parte do livro Educação no Brasil (1969) identificada como Notas sobre a Universidade e, passados vinte anos, receberam destaque na coletânea Educação e Universidade (TEIXEIRA, 1998) onde os cinco artigos constantes das referidas notas foram condensados sob o título Reforma Universitária na década de 1960. Ademais, os artigos *Systems analysis* (TEIXEIRA, 1968t) e Tecnologia e Pensamento (TEIXEIRA, 1968w) conquistaram espaço na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos<sup>3</sup>.

Então, cabe uma indagação: por que retomar artigos que – além da publicação original – foram objeto de divulgação científica em diferentes meios e ocasiões? A resposta bus-

---

<sup>1</sup> Nasceu em Caetité, Bahia, em 12 de julho de 1900. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1922 e obteve o título de *Master of Arts* pelo *Teachers College* da *Columbia University*, em Nova York, em 1929. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em março de 1971.

<sup>2</sup> Jornal paulista diário em circulação com este nome desde o início da década de 1960. Foi precedido por outros três jornais lançados entre 1921 e 1925, todos pertencentes à Empresa Folha da Manhã S.A., denominados Folha da Noite, Folha da Tarde e Folha da Manhã (Cohn; Hirano, 2001, p. 2.235).

<sup>3</sup> “Tecnologia e pensamento” - n° 113 (TEIXEIRA, 1969) e “*Systems analysis*” com o título modificado para “Análise de sistemas e educação” – n° 129 (TEIXEIRA, 1973). Vale asseverar que Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos foi criada em 1944 no âmbito do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (atualmente, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), órgão do Ministério da Educação. A revista está em circulação.

cará expressar a justificativa para este empreendimento intelectual. Vejamos: temos somente sete artigos republicados num total de 28 editados pelo jornal Folha de S. Paulo, ou seja, vinte e um artigos permanecem inexplorados ou pouco conhecidos nos meios acadêmicos e, mesmo os sete republicados, o foram em um suporte impresso distinto de um jornal.

Teixeira foi convidado para ser articulista do periódico em carta Octavio Frias de Oliveira, presidente da empresa jornalística, em 9 de abril de 1968 (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2015<sup>4</sup>).

Assim, este estudo se apresenta como uma primeira aproximação analítica com o conjunto de textos escritos por Teixeira para o jornal Folha de S. Paulo de junho a dezembro de 1968 que pode contribuir para a uma compreensão e dimensionamento dos posicionamentos do intelectual face aos problemas que são atinentes à questão das Políticas Públicas Educacionais do Brasil, mas que ultrapassam este limite e incluem análises da conjuntura política, social, econômica num exercício de crítica sobre problemas crônicos da humanidade, dentro e fora do país.

Tanto quanto o conteúdo dos artigos está em jogo o suporte que dá vida a cada um destes textos: um periódico de alcance nacional. Uma caixa de ressonância para a análise das inquietações do tempo histórico em destaque. Embora, seja imperioso afirmar que neste trabalho não será possível precisar o impacto dos artigos de Teixeira como pensador no âmbito da sociedade brasileira. Tal perspectiva demandará investigações posteriores em demais periódicos da época.

No que concerne a este artigo, estão assentados os seguintes questionamentos: Quais os conteúdos destes artigos? Que imbricações existiram entre a escalada da violência do governo de exceção e os temas abordados pelo articulista? Quais os ideários presentes nos textos que já permeavam a obra de Teixeira no decorrer da sua trajetória intelectual e quais eram as novas preocupações? Qual a contribuição deste conjunto de artigos para a historiografia da educação brasileira? Por fim, quais pontos que ainda permanecem candentes para a sociedade brasileira no tempo presente?

Acompanhando Skinner (2005, p. 206), vale acrescentar que é necessário, também, “[...] identificar um outro tipo de relação causal entre os princípios em nome dos quais as pessoas dizem pautar a sua ação e os caminhos que, de fato, tomam as suas ações sociais ou políticas”.

---

<sup>4</sup>Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas.

## Um intelectual e as suas redes de sociabilidade

O termo intelectual está para além dos escritos. Compreende as ações de engajamento nas lutas políticas, a participação em movimentos de manifestação contra a ordem estabelecida através de manifestos, revistas ou atividades acadêmicas que evidenciem um posicionamento a favor de determinado projeto. Estes encontros possibilitam o surgimento de redes de sociabilidade (Sirinelli, 2003).

No caso de Anísio Teixeira, interessa ao artigo articular o trabalho do intelectual com as funções exercidas no âmbito de instituições nacionais e internacionais na perspectiva de que este cruzamento aponte a rede de sociabilidades que possibilitou a sustentação de Anísio Teixeira à frente de um número considerável de instituições e, mesmo do golpe civil-militar de 1964, tenha sido um dos critérios para a sua escolha como articulista no jornal Folha de S. Paulo.

O Quadro 1 oferece uma visão de conjunto em relação aos períodos em que o intelectual esteve à frente de cada uma das referidas instituições.

**Quadro 1** – A participação de Anísio Teixeira em Instituições Educacionais (1951-1964).

ANO	Capes	INEP	SBPC	CBPE	ISEB	OEA	PABAE	CHEAR	OPA	UNB	CFE
1951	x										
1952	x	x	x								
1953	x	x	x								
1954	x	x	x								
1955	x	x	x	x	x						
1956	x	x	x	x	x	x					
1957	x	x	x	x	x	x	x				
1958	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
1959	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
1960	x	x	x	x		x	x	x	x		
1961	x	x	x	x			x	x	x	x	x
1962	x	x	x	x			x	x		x	x
1963	x	x	x	x			x	x		x	x
1964	x	x	x	x			x			x	x

CAPES: Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Criação: 1951 – Sede: DF; INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Criação: 1937 – Sede: DF; SBPC: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – Criação: 1948 – Sede: SP; CBPE: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais – Criação: 1951 – Sede: DF; ISEB: Instituto Superior de Estudos Brasileiros – Criação: 1955 – Sede: DF; OEA: Organização dos Estados Americanos – Criação: 1958 – Sede: Estados Unidos da América do Norte; PABAE: Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar - Criação: 1956 – Sede: Belo Horizonte; CHEAR: Conselho de Educação Superior nas Repúblicas Americanas – Criação: 1958 – Sede: Rotativa; OPA: Operação Pan-Americana – Criação: 1958 - Sede: Rotativa; UNB: Universidade de Brasília – Criação: 1961; CFE: Conselho Federal de Educação – Criação: 1961.

Fonte: Gouvêa (2008, p. 73).

A extensa lista de cargos ocupados pelo intelectual, tanto no plano nacional quanto no internacional, assinala a centralidade do ator no âmbito do poder público federal e na visibilidade que deteve no campo das ideias e ações na luta por uma educação pública, laica e com qualidade numa sociedade democrática.

Segundo Farias, Amaral e Soares (2001, p. 210), com o advento do golpe civil-militar de 1964, Teixeira “foi afastado de suas funções no dia vinte e sete de abril daquele ano, e aposentado compulsoriamente. Com autorização especial do presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco<sup>5</sup> embarcou para os Estados Unidos”.

Retornou ao Brasil em 1966 e foi convidado para ser consultor da Fundação Getúlio Vargas e da Companhia Editora Nacional. Reassumiu o mandato no Conselho Federal de Educação que se encerrou em 1968. Neste ano, conforme relatado na Introdução, recebeu o convite do jornal Folha de S. Paulo a fim de que participasse do Caderno Especial sobre a crise de maio na França e que teve também a participação de Edgar Morin com a entrevista *A imaginação no poder*. Teixeira seguiu até dezembro de 1968 como articulista do periódico.

O jornal Folha de S. Paulo, até meados de 1962, se mostrou afinado com as propostas do poder executivo federal. No entanto, em agosto deste mesmo ano, ocorreu uma mudança na direção do periódico. Mudança nos cargos de chefia e mudança das orientações da linha editorial. Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, ao assumirem as posições hierárquicas de comando junto com o diretor de redação, José Reis, modernizaram o processo de circulação e de impressão, tendo alcançado em 1963 o posto de o jornal com a maior circulação paga no Brasil. Imprimiram um rumo opositor ao Governo João Goulart (1961-1964) e pela visibilidade conseguiram mobilizar uma parcela considerável da opinião pública em favor de ações que culminaram com o golpe civil-militar de 1964 (Ferreira, 2006).

Ainda no tocante à trajetória do jornal Folha de S. Paulo, o apoio explícito ao golpe não significou um alinhamento automático a todas as medidas tomadas pelo regime haja vista que a censura à imprensa gradativamente passou a ser o centro dos ataques mais virulentos às conquistas da sociedade democrática. De fato, o jornal buscou manter uma postura independente com críticas moderadas ao governo federal. Fato que não agradou aos militares e nem à esquerda (Cohn; Hirano, 2001).

---

<sup>5</sup> Presidente da República no período de 1964 a 1967.

## A análise dos artigos

Dois princípios serão seguidos para a análise: os artigos estão estruturados em dois blocos bimestrais e um trimestral a fim de que não se perca a ordem cronológica e conjuntural e, ao final de cada bloco, ocorrerá a retomada de alguns questionamentos levantados na Introdução deste trabalho, a saber: Quais os conteúdos destes artigos? Que imbricações existiram entre a escalada da violência do governo de exceção e os temas abordados pelo articulista? Quais os ideários presentes nos textos que já permeavam a obra de Teixeira no decorrer da sua trajetória intelectual e quais eram as novas preocupações?

As citações diretas de trechos dos artigos trarão as datas dos mesmos a fim de facilitar a compreensão do trabalho proposto. O Quadro 2 corresponde ao primeiro bloco de artigos do intelectual Anísio Teixeira no periódico Folha de S. Paulo.

**Quadro 2** – Artigos publicados em junho e julho de 1968.

Título do artigo	Data
A rebelião dos jovens	2 de junho
Modelo para reforma da universidade	8 de junho
De Gaulle e a sociedade de participação	19 de junho
Encontro com um jovem	26 de junho
Liberdade de pensamento e mudança social	29 de junho
Os limites da força	4 de julho
A Universidade e o Estudante – I	13 de julho
A Universidade e a sua reforma – II	17 de julho
A Universidade e a sua reforma – III	20 de julho
A Universidade e a sua reforma – IV	23 de julho

Teixeira evidenciou nestes escritos uma preocupação em compreender o tempo presente como inquietações em relação ao futuro. Escapa, assim, dos caminhos menos tranquilos que levariam à busca de respostas no passado pois segundo o intelectual,

Só conhecemos o passado lendo os historiadores. O privilégio dos historiadores é de escreverem os seus livros já sabendo o que aconteceu depois. A imagem do que aconteceu, ao longo do tempo, os obriga a ver o passado à luz do futuro e daí emprestarem aos acontecimentos um sentido determinante que parece explicar o futuro, que, em rigor, foi imprevisto e inexplicavelmente, ou, pelo menos acidental. Já a observação do contemporâneo é de outra natureza. Estes realmente ignoram o futuro e todo o seu raciocínio se faz a luz do passado. E o passado nem sempre os ajuda a compreender o presente, quanto mais prevê o futuro (2 de junho).

O artigo publicado no dia 4 de julho – não por coincidência o dia da comemoração da independência norte-americana – expressou críticas contundentes à violência exercida pelo governo dos Estados Unidos dentro e fora do país.

A política americana de forças [no Vietnã], além do insucesso, teve ainda como resultado estimular o uso do método da força dentro de seu próprio país, quebrando, de forma considerável, o consenso anterior, que parecia existir, a despeito da segregação racial. Deste modo, a experiência representou forte estímulo à restauração do princípio da força no mundo, pois, ao mesmo tempo que consolidou sua aplicação, constituiu, paradoxalmente, uma demonstração dos limites do uso da força pelos métodos convencionais e das possibilidades insuspeitáveis. Num mundo de promessas e de perigos, não sabemos onde nos levará esse trágico incentivo ao método da violência.

Percebe-se o desencanto de Teixeira frente aos Estados Unidos da América e à opressão imposta aos países mais frágeis. Trata-se de uma alteração significativa no ideário de Teixeira que sempre considerou a América, o pan-americanismo<sup>6</sup> e as ações conjuntas com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como importantes removedores de óbices para o desenvolvimento nacional e modelos a serem seguidos no Brasil. A modificação referente à América, segundo depoimento de Castro (1977, p. 99), é de um período anterior: “depois de 1964, ele (Anísio Teixeira) aí, sim, voltou com uma imagem um pouco mais amarga dos Estados Unidos. Não era mais aquela primeira imagem que ele tinha”. A primeira viagem aos Estados Unidos ocorreu em abril de 1927 – como Secretário de Instrução Pública da Bahia – para estudos sobre organização escolar. O relatório desta viagem originou o livro “Aspectos Americanos de Educação” (TEIXEIRA, 1928). Posteriormente, diversas obras de Anísio Teixeira refletiram a ideia de progresso aliada aos Estados Unidos<sup>7</sup>.

Neste bloco de artigos, é flagrante a preocupação com a democracia que tenha como esteio a liberdade de agir e a liberdade de pensar, tendo a universidade como um dos principais espaços para estes exercícios políticos, mantendo-se, desta forma, fiel ao expresso no seu discurso proferido em 1935 (TEIXEIRA, 1935)

---

<sup>6</sup> Conforme assinalado no Quadro 1, o intelectual participou de diversas instituições que tinham este caráter pan-americano. Um caráter também presente nos textos “União intelectual das três Américas” (TEIXEIRA, 1961) e “Educação como experiência democrática para cooperação internacional” (TEIXEIRA, 1966).

<sup>7</sup> Destaques para o livro “Em marcha para a democracia – à margem dos Estados Unidos” (TEIXEIRA, 1934) e a entrevista “Uma viagem aos Estados Unidos é sempre uma excursão ao futuro” (TEIXEIRA, 1956).

por ocasião da inauguração dos cursos da Universidade do Distrito Federal que foi publicado pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos em 1962 (TEIXEIRA, 1962) e, finalmente, introduzido na coletânea Educação e Universidade (1988) sob o título “Universidade: mansão da liberdade”. Em relação aos artigos publicados no que estamos denominando como segundo bloco, o Quadro 3 apresenta os títulos e as datas de publicação.

**Quadro 3** – Artigos publicados em agosto e setembro de 1968.

Título do artigo	Data
Educação para o futuro	3 de agosto
A “contra-revolução” dos jovens	10 de agosto
Compreender o presente e participar do futuro	14 de agosto
Civilização de massa	24 de agosto
Universidades em massa?	31 de agosto
Educação para cada um	7 de setembro
Democracia é O problema	14 de setembro
Países jovens e países velhos	21 de setembro
Escalada da comunicação humana	28 de setembro

Nos três primeiros artigos deste bloco, Teixeira retomou as reflexões sobre a juventude, a educação (especificamente, a universitária) e o tempo futuro. No entanto, é visível a guinada em termos da problematização destes tópicos. Não se trata mais de criticar as evoluções ou revoluções conservadoras mas, sim, pensar e compreender os tons e as cores da contrarrevolução num processo de resistência a ideias retrógradas e antidemocráticas, utilizando como imagem os movimentos dos jovens em diversos países, inclusive no Brasil (não citado diretamente no texto, mas contemplado por vias indiretas haja vista que o artigo de onde foi retirada a citação não menciona qualquer país). Teixeira, afirmou que:

O dogmatismo religioso opõe ortodoxia à heresia. O dogmatismo político opõe revolução à contra-revolução. O curioso a notar, desde logo, é que a inconformidade e a dissensão estão na heresia e na contra-revolução. Ser “contra-revolucionário” é que é ser verdadeiramente revolucionário, quando a revolução se faz dogmática para esclarecer a posição dos jovens. A revolução faz-se ortodoxia e a única saída para a inconformidade é a contra-revolução (10 de agosto).

Para entender a sutileza da crítica de Teixeira, faz-se necessário lembrar que os mentores do golpe civil-militar de 1964 o denominaram como Revolução. Na mes-

ma toada, questiona o alinhamento automático entre massa e tumulto ou desordem, estendendo o seu olhar para o empobrecimento conceitual implícito na expressão civilização de massa e nas suas consequências: uma sociedade sem democracia, um abandono da individualidade, um incremento de políticas públicas apenas paliativas e provisórias e se pergunta:

Mas por que a ideia de massa? O termo é uma palavra para multidão. Mas à multidão se associam as velhas características de irracionalidade emocionalismo, vulgaridade de gostos, preconceitos e hábitos de rebanho. E, nesse caso, a palavra não é uma expressão neutra e descritiva, mas uma classificação. A confusão está exatamente nisto. O termo não descreve, mas julga. Há evidentemente novos fatos coletivos na vida de hoje, mas por que o uso do conceito de massa para caracterizá-los? (24 de agosto).

O recrudescimento da violência das autoridades estabelecidas foi a tônica das entrelinhas dos artigos deste segundo bloco. A ponto de um deles ter o sugestivo título “Democracia é O problema”, com a letra ‘o’ em maiúscula para que não pudessem pairar dúvidas quanto às intenções do articulista.

Onde estão as esperanças? Confesso que não as vejo no conjunto de forças estabelecidas e dominantes. Têm de vir de novos ângulos de visão do problema democrático. Dois movimentos novos se erguem no horizonte. Em nosso mundo ocidental os seus sinais aparecem com os jovens e com a Igreja. São mais sintomas da patologia extremamente complexa da sociedade do que forças propriamente ditas. Mas, se provocarem um Novo Exame e vierem a reformular a velha crença do homem na vida, na liberdade e na felicidade, para que voltemos a buscá-las sob o escudo da eterna vigilância e do eterno esforço e não como um bem que nos chegará, um dia, de presente, creio que teremos razão de esperar. Democracia ainda é O problema (14 de setembro).

O tema da Democracia já se fizera presente no rol das problemáticas mais discutidas por Teixeira, desde 1936, no livro “Educação para a Democracia: introdução à administração educacional”. A leitura do referido livro enseja a percepção das inquietações sobre os rumos da sociedade brasileira em todos os campos, da educação nacional em seus diferentes níveis e modalidades, mas não menos importante, a apreensão do espírito do tempo que dá vida à obra: a demissão de Anísio Teixeira do cargo de Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal no período que antecede o autoritário Estado Novo (1937-1945) no primeiro governo Vargas.

Por fim, apresentamos o Quadro 4, que remete ao terceiro bloco de artigos do intelectual Anísio Teixeira no periódico Folha de S. Paulo.

**Quadro 4** – Artigos publicados em outubro, novembro e dezembro de 1968.

Título do artigo	Data
<i>Systems analysis</i>	5 de outubro
Russos, americanos e índios	19 de outubro
Tecnologia e pensamento	26 de outubro
A conjuntura do desenvolvimento	2 de novembro
Reflexões sobre a democracia	9 de novembro
O processo civilizatório	23 de novembro
Tiranía e despotismo da maioria	7 de dezembro
Sombras e ameaças	14 de dezembro
A grande tradição do nosso tempo	30 de dezembro

Os três primeiros artigos deste terceiro e último bloco de textos de Anísio Teixeira no jornal Folha de S. Paulo demonstram o interesse do intelectual nas possibilidades abertas pelas tecnologias para a Educação. Avançou o autor na contribuição para estudos de casos com a combinação de análises qualitativas e quantitativas que facilitaríam o progresso das ciências humanas. Mas, assevera que toda a parafernália tecnológica não teria sentido sem a presença de um professor que entendesse os rumos e localizasse a direção dos ventos que levaríam a humanidade ao desenvolvimento.

Há cerca de uma década surgiu e vem-se desenvolvendo um método no vo de se lidar com problemas de educação. Trata-se do que se vem chamando análise de operações, ou análise de sistema, *systems analysis*, e consiste, em essência, numa forma nova de considerar, analisar e raciocinar sobre os dados de uma situação educacional. Anteriormente, tomavam-se as informações e dados estatísticos e depois de analisá-los e apreciá-los, emitia-se um julgamento qualitativo: estava tudo muito bem, ou muito mal, ou mais ou menos. Aceitava-se a situação estabelecida como não modificável e procurava-se medi-la e julgá-la. Hoje, os dados e as informações são analisados à luz das condições e fatores que os produziram e se examinam alternativas viáveis para mudar ou alterar a situação [...] (5 de outubro).

O intelectual apostou nas mudanças educacionais advindas da Tecnologia, mas numa perspectiva plural e não mecânica. No entendimento de Teixeira, o aparato tecnológico abria espaço para uma diversidade de respostas.

Entre nós, o método [ou seja, a utilização das tecnologias] somente será possível em situações educacionais em que um mínimo de uniformidades quanto ao mestre, as condições materiais, ao programa e aos métodos tiver produzido o grau de padronização e homogeneidade necessário para a validade do raciocínio e dos cálculos. Daí não ser generalizável senão às situações desenvolvidas do nosso esforço educacional, quando tenhamos atingido grau realmente alto de padronização e homogeneidade. Presentemente, cada situação educacional é uma e só pode ser comparada com ela própria [...] (idem).

Aliás, as imbricações entre tecnologia, cultura e educação permaneceram candentes até o fim da vida de Teixeira haja vista a apresentação intitulada “*Systems Analysis* em Educação” para o livro “Uma visão nova de Educação”, da autoria de John Pfeiffer, em 1971 (TEIXEIRA, 1971) e no seu texto “Cultura e Tecnologia” do mesmo ano. Não obstante, sempre questionou a seguinte dualidade:

O que marca o nosso tempo é essa aceleração do progresso tecnológico sem a correspondente aceleração no pensamento teórico. Não temos uma teoria da educação, como não temos uma social, mas estamos equipados com uma assustadora tecnologia. A abordagem do systems analysis está em seu começo, mas constitui um dos mais terríveis desafios ao nosso despreparo para utilizá-la (26 de outubro).

Entretanto, as luzes acesas pelas novas promessas do progresso não foram potentes para iluminar as sombras sentidas e pressentidas que a cada dia ameaçavam – se é que assim pode se chamar – a democracia que ainda restava no Brasil. A iluminação vai se apagando paulatinamente a cada prisão efetuada, a cada repressão, a cada gesto de violência que se impetrou contra os direitos básicos da cidadania. Torna-se importante recordar que - no mês de setembro de 1968 – ocorreu o discurso do deputado Márcio Moreira Alves no qual propunha um boicote à parada militar de sete de setembro.

Sobre este momento conturbado da vida nacional, no artigo “Reflexões sobre a democracia”, publicado no dia 9 de novembro (TEIXEIRA, 1968y), afirma que:

A democracia é o regime em que, fundados na confiança no homem, escolhemos o autogoverno como o método e processo de se conduzir a realizar a vida. [...] democracia envolve a crença de que as instituições políticas e a lei, levando fundamentalmente em conta a natureza do homem fazem-se as instituições adequadas para o livre e perfeito desenvolvimento da vida humana. [...] E erro histórico foi o de pensar que para o florescimento da democracia, bastaria libertar a natureza humana de toda e qualquer restrição arbitrária. Isto não basta. A democracia não é uma permissão; mas um programa difícil, que tem de ser trabalhado passo a passo. [...] Nosso erro capital foi o de supor que a natureza humana, uma vez liberada de toda e qualquer restrição externa e deixada a si mesma, produziria automaticamente instituições democráticas capaz de funcionarem com êxito.

Encerra o artigo com questionamentos sobre decisões políticas:

[...] O hábito de conduzi-las pelo livre debate está realmente generalizado? Ou, fora do campo político, prevalece a coerção? Não é verdade que, nas matérias usuais, preferimos procurar a autoridade? Apenas, a verdade social é muito diferente da verdade matemática, por exemplo? E apesar de todas as limitações, o método de debate ainda é o que tem mais vantagens. Tudo está contido em seus inícios e que prevalece, ainda é a força. Sobretudo, quando parece que a lei e a ordem estão em perigo [...].

Os militares também pensavam desta forma: estavam em perigo a lei e a ordem. Mediante a negativa do Congresso Nacional de abrir mão da imunidade do parlamentar Márcio Moreira Alves, impedindo que fosse processado, os militares responderam com o fechamento do Congresso pelo Ato Institucional nº 5 de 1968 (BRASIL, 1968).

No dia 14 de dezembro, portanto um dia após a instalação do Ato Institucional nº 5, o jornal Folha de S. Paulo publicou o artigo de Anísio Teixeira (1968ab) intitulado Sombras e Ameaças (o penúltimo artigo do intelectual presente no periódico). Este escrito serviu como zona de desabafo pois pela primeira vez Teixeira não utilizou metáforas e sim críticas diretas à insustentável situação a que chegara o Brasil. Devido ao grau de importância, algumas partes deste artigo. Talvez, longos trechos serão recuperados. Como também foi longo o tempo para que retomássemos a democracia.

Tenho evitado, nestes artigos, examinar a situação particular do país neste *Gotterdammerung* (crepúsculo dos deuses) wagneriano, em que estamos vivendo. Temos felizmente Alceu Amoroso Lima, o nosso grande pensador católico, para nos lavar a alma e nos dar uns lampejos da alvorada que hoje lhe ilumina a vida. [...] Os últimos episódios relativos à prisão de padres, depois da perseguição e prisão de estudantes e de toda essa caça às feiticeiras, com que estamos a retornar às nossas remotas origens inquisitoriais hispânicas e portuguesas, assustam-me sobremodo e me compelem a um comentário. [...] Sempre tive dificuldade em compreender a aura porque-me-ufanística [sic] do Brasil que atingiu alguns representantes de nossa intelligentsia, e de que não nos libertamos completamente. Talvez se essa encontrar sua origem em certo lirismo tropical de temperamentos aristocráticos e apenas dados ao Brasil pelo laço geográfico.

Quanto à nossa identidade aponta a ausência de conexão entre o proclamado e o real:

Por isto mesmo, ficou por aí tanta gente a falar de doçura brasileira, amor à liberdade, capacidade de convivência, brandura de temperamento, sentimento de conciliação e, até, gosto pelo progresso... Tudo isso, entretanto, ao meu ver, corresponde aos reflexos do nosso mundo de aparências sobre o das realidades. [...] No mundo das realidades, o que houve foi a truculenta ignorância (esta no sentido de retardamento histórico) da classe realmente dominante e a submissão e paciência do povo, longamente habituado a um regime autoritário-paternalista, entremeados de estertores de violência.

Em relação às ações do governo brasileiro em 1968:

Daí não me surpreender, mas sobremodo me alarmar, a volta ao uso da violência pela autoridade no Brasil. A violência está sempre implícita na ação do governo brasileiro. A liberdade sempre foi uma permissão entre nós, que a cada momento podia ser suspensa. Crise como a que estamos vivendo, hoje, no Brasil, podem ter a vantagem de ajudar-nos a penetrar e perceber a realidade, neste país em que reflexos e sombras são tudo que se pode ver do fundo da caverna em que vivemos, que não é a dos filósofos gregos, mas a dos

nossos sertanejos perdidos na extensão continental do país e a da imensidão urbana dos pobres do Brasil, todos na verdade brandos, silenciosos e tão imóveis quanto o velho solo arcaico brasileiro à prova de terremotos.

Encerra o artigo com as seguintes constatações:

Uma mais aguda consciência de nossa realidade pode fortalecer-nos, mas não diminui a gravidade das ameaças que pairam no ar. Essas ameaças são as de poder estar-se a ressuscitar e restaurar a real tradição autoritária do país, fazendo-o voltar às suas origens hispânicas e portuguesas. Não esqueçamos que as nações que nos colonizaram têm uma vocação irresistível para os regimes de força e, ainda hoje, vivem sob o jugo de ditadores vitalícios. Dessa vocação não estamos imunes e não posso encarar o que vem ocorrendo no país, sem sentir percorrer-me a espinha o frio desse doloroso pressentimento. Encontro forças apenas na crença, que me vem de Platão, e é a de que o mundo é mais imprevisível do que o possa imaginar a nossa vã capacidade de pressentimento.

## Considerações finais

Neste ponto do trabalho, torna-se necessário explicitar as contribuições deste estudo em relação à fase de produção intelectual de Anísio Teixeira e, conseqüentemente, para a historiografia da educação, a saber: a quebra de periodizações clássicas e rígidas que acabam por silenciar objetos relevantes de pesquisa; o desencanto de Anísio com os Estados Unidos que ocasiona um deslocamento de suas posições e contribui para a desconstrução da imagem do intelectual em “eterna” concordância com os projetos estadunidenses, ou seja, mais do que um liberal, emerge o pensador social; os posicionamentos claros e diretos do intelectual contra a ditadura; a demissão do jornal Folha de S. Paulo e, por fim, a relevância da existência de tais artigos que pesaram na morte de Anísio Teixeira. Na sequência, cada ponto destacado é desenvolvido mediante o cotejamento com o conjunto de artigos.

Em primeiro lugar, o estudo dos escritos de Teixeira no período pós-1964 contribui para a quebra de uma barreira ou periodização que – por vezes de forma automática – paralisa os investimentos intelectuais de estudantes e de pesquisadores ao advento do golpe civil-militar, como se para além só houvesse o silêncio. Salvo engano, carece, por exemplo, de aprofundamento a atuação Anísio Teixeira na Fundação Getúlio Vargas e na Companhia Editora Nacional no período de 1966 a 1971. Esta linha de raciocínio é que orientou a operação historiográfica e animou a feitura deste trabalho que tenta ser uma modesta contribuição para a historiografia da educação brasileira pois o exame deste conjunto de artigos que – até onde foi

possível pesquisar – aparecem como referências esparsas em alguns trabalhos ou em bibliografias de Anísio Teixeira pode preencher uma lacuna considerável no campo da História da Educação.

O conjunto de artigos analisados é a expressão de um pensador social ainda voltado para as demandas educacionais, porém com um olhar mais crítico sobre os limites desta mesma educação tanto no presente quanto no futuro. Sobretudo, um intelectual preocupado em alargar os horizontes do próprio olhar no sentido político para discutir com propriedade o que estava em jogo no tocante à democracia e aos diferentes entendimentos da mesma por quem estava no poder e por quem era regulado por este poder. Neste sentido, a democracia não era um problema qualquer: era O problema. O motivo do desencanto com a América e o inconformismo com o uso da força a qualquer preço ecoam nas linhas e habita as entrelinhas a repugnância à utilização da repressão e da violência pelo Estado brasileiro até a publicação do artigo Sombras e Ameaças que transfere a indignação sentida das entrelinhas para as linhas da história.

Dos 28 artigos produzidos, sete tiveram a sua publicação em outros espaços de divulgação científica, conforme já assinalado, cinco deles voltados para o tema Universidade. Entretanto, a leitura dos vinte e um textos que não tiveram este mesmo fim revela-se uma contribuição significativa para a historiografia da educação brasileira haja vista os temas, as abordagens e – acima de tudo – o tempo histórico em que foram escritos: no calor da hora e de cada minuto nos quais a escalada de truculências se apresentava como mensageira de tempos incertos e nebulosos.

A imersão neste conjunto de escritos de um intelectual que foi compulsoriamente aposentado e respondeu a dois inquéritos militares em 1964, retornando ao país em 1966, instiga a pensar quais foram os impactos destes artigos publicados em 1968 para o governo militar. Os órgãos de censura e repressão colecionaram os artigos de uma voz discordante face aos arbítrios cometidos pela ditadura<sup>8</sup>. Segundo o Relatório de 2015 da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2017),

Em pesquisas realizadas no Arquivo Nacional, embora não tenha avançado no esclarecimento das circunstâncias de morte, a CATMV-UnB localizou documentos de vários órgãos de repressão que demonstram o monitoramento das atividades de Anísio Teixeira e a sua consideração como persona non

---

<sup>8</sup> Em 2012, foi instituída a Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade no âmbito da Universidade De Brasília. As investigações sobre a morte do intelectual ocorreram no período de abril de 2012 a abril de 2015. Neste momento, aguarda-se a publicação do relatório final da comissão.

grata pelo regime ditatorial. Anísio é referido nos documentos, por exemplo, como um intelectual comunista e má influência para alunos e professores (p. 293).

Por certo, os artigos publicados pelo intelectual no jornal Folha de S. Paulo em 1968 contribuíram para a construção desta imagem. Fato é que Teixeira - em 1969 - não mais pertencia ao quadro de articulistas do jornal Folha de S. Paulo. Assim, a leitura do objeto de pesquisa revelou a existência de um cidadão que enfrentou o sistema, que denunciou o arbítrio. O portador desta voz estava muito próximo de conquistar mais uma tribuna em 1971: a Academia Brasileira de Letras. Faleceu em circunstâncias suspeitas ao ser encontrado num poço de elevador. Assim, ainda em tempos de sombras e ameaças, o barco não voltou ao cais.

## Referências

BRASIL. Ato institucional N° 5, de 13 de dezembro de 1968. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 13 dez. 1968.

Castro, A. *Depoimento ao projeto história oral e história da ciência*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1977.

Cohn, A.; Hirano, S. Folha de São Paulo. In Abreu, A. A. et al. (Coords.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2001. p. 2235-44. (v. 2).

Farias, D.; Amaral, L.; Soares, R. Biobibliografia de Anísio Teixeira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 82, n. 200, p. 207-42, 2001. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.82i200-01-02.926>

Ferreira, M. M. (Coord.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação de Getúlio Vargas, 2006.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. *Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ, 2015. (Arquivo Anísio Teixeira. Documento ATt 1968.04.09). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=AT>>. Acessado em: 15 maio 2015.

GOUVÊA, F. *Tudo de novo no front: o impresso como estratégia de legitimação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (1952-1964)*. 2008. Tese (Doutorado) — Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008. Sirinelli, J. -F. Os intelectuais. In: Rémond, R. (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 231-70.

Skinner, Q. *Visões da Política: questões metodológicas*. Algés: Difel, 2005.

TEIXEIRA, A. *Aspectos americanos de educação*. Salvador, BA: Tipografia de São Francisco, 1928.

TEIXEIRA, A. *Em marcha para a democracia, à margem dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1934.

TEIXEIRA, A. A função das universidades: discurso em 31/07/1935, como Reitor Interino da Universidade do Distrito Federal, na inauguração dos cursos. *Boletim da Universidade do Distrito Federal*, n. 1, p. 11-24, 1935.

TEIXEIRA, A. Uma viagem aos Estados Unidos é sempre uma excursão ao futuro. *A Noite*, 28 mar. 1956.

TEIXEIRA, A. União intelectual das três Américas: entrevista. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 35, n. 82, p. 180-3, 1961.

TEIXEIRA, A. Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 37, n. 86, p. 59-79, 1962.

TEIXEIRA, A. Educação como experiência democrática para cooperação internacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 45, n. 102, p. 257-72, 1966.

TEIXEIRA, A. A rebelião dos jovens. *Folha de S. Paulo*, 2 jun. 1968a.

TEIXEIRA, A. Modelo para reforma da universidade. *Folha de S. Paulo*, 8 jun. 1968b.

TEIXEIRA, A. De Gaulle e a sociedade de participação. *Folha de S. Paulo*, 19 jun. 1968c.

TEIXEIRA, A. Encontro com um jovem. *Folha de S. Paulo*, 26 jun. 1968d.

TEIXEIRA, A. Liberdade de pensamento e mudança social. *Folha de S. Paulo*, 29 jun. 1968e.

TEIXEIRA, A. Os limites da força. *Folha de S. Paulo*, 4 jul. 1968f.

TEIXEIRA, A. A universidade e o estudante: 1. *Folha de S. Paulo*, 13 jul. 1968g.

TEIXEIRA, A. A universidade e a sua reforma: 2. *Folha de S. Paulo*, 17 jul. 1968h.

- TEIXEIRA, A. A universidade e a sua reforma: 3. *Folha de S. Paulo*, 20 jul. 1968i.
- TEIXEIRA, A. A universidade e a sua reforma: 4. *Folha de S. Paulo*, 23 jul. 1968j.
- TEIXEIRA, A. Educação para o futuro. *Folha de S. Paulo*, 3 ago. 1968k.
- TEIXEIRA, A. A contra-revolução dos jovens. *Folha de S. Paulo*, 10 ago. 1968l.
- TEIXEIRA, A. Compreender o presente e participar do futuro. *Folha de S. Paulo*, 14 ago. 1968m.
- TEIXEIRA, A. Civilização de massa. *Folha de S. Paulo*, 24 ago. 1968n.
- TEIXEIRA, A. Universidades em massa? *Folha de S. Paulo*, 31 ago. 1968o.
- TEIXEIRA, A. Educação para cada um. *Folha de S. Paulo*, 7 set. 1968p.
- TEIXEIRA, A. Democracia é o problema. *Folha de S. Paulo*, 14 set. 1968q.
- TEIXEIRA, A. Países jovens e países velhos. *Folha de S. Paulo*, 28 set. 1968r.
- TEIXEIRA, A. Escalada da comunicação humana. *Folha de S. Paulo*, 30 set. 1968s.
- TEIXEIRA, A. Systems analysis. *Folha de S. Paulo*, 5 out. 1968t.
- TEIXEIRA, A. Russos, americanos e índios. *Folha de S. Paulo*, 19 out. 1968u.
- TEIXEIRA, A. Tecnologia e pensamento. *Folha de S. Paulo*, 26 out. 1968w.
- TEIXEIRA, A. A conjuntura do desenvolvimento. *Folha de S. Paulo*, 2 nov. 1968x.
- TEIXEIRA, A. Reflexões sobre a democracia. *Folha de S. Paulo*, 9 nov. 1968y.
- TEIXEIRA, A. O processo civilizatório. *Folha de S. Paulo*, 23 nov. 1968z.
- TEIXEIRA, A. Tirania e despotismo da maioria. *Folha de S. Paulo*, 7 dez. 1968aa.
- TEIXEIRA, A. Sombras e ameaças. *Folha de S. Paulo*, 14 dez. 1968ab.
- TEIXEIRA, A. A grande tradição do nosso tempo. *Folha de S. Paulo*, 30 nov. 1968ac.
- TEIXEIRA, A. Tecnologia e pensamento. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 51, n. 113, p. 157-9, 1969.
- TEIXEIRA, A. Systems analysis em educação. In: PFEIFFER, J. *Uma nova visão da Educação*. São Paulo, SP: Nacional, 1971.
- TEIXEIRA, A. Análise de sistemas e educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 59, n. 129, p. 57-9, 1973.

TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

TEIXEIRA, A. *Educação e universidade*. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. (Coleção Obras completas de Anísio Teixeira).

TEIXEIRA, A. *Educação no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB. *Comissão Anísio Teixeira de memória e verdade*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://www.comissaoverdade.unb.br/>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

**Submissão em:** 26-09-2018

**Aceito em:** 07-11-2018